

Preços da carne: pressão será pequena

O Conselho Nacional da Pecuária de Corte estima que estejam retidas no pasto cerca de 1,5 milhão de cabeças de boi pronto para abate. Ao todo, são 300 mil toneladas de carne, suficientes para cinco meses de abastecimento nos mercados do Rio de Janeiro e de São Paulo. A informação é de Antônio Duarte, membro do Conselho e Presidente do Sindicato do Comércio Atacadista de Carnes e Derivados do Rio, que se baseia nestes dados para afirmar que os preços da carne na entressafra — cujo período mais crítico é entre agosto e outubro — não deverão provocar maiores pressões sobre as taxas de inflação.

Aliás, pelo menos a curto prazo, Duarte acha que os preços podem até cair um pouco. Os aumentos do produto já chegaram ao seu limite, ele acredita. Afinal, a arroba do boi custava Cr\$ 1.500 antes do Plano Collor, caiu para Cr\$ 1.000 no primeiros meses após o Plano e depois subiu, até chegar aos atuais Cr\$ 2.200, Cr\$ 2.300. Preços que, segundo ele, são altos até mesmo para o mercado ex-

terno

O empresário lembra, ainda, que o comportamento dos preços das outras carnes — de frango, suínos e peixes — sempre acompanha o da carne bovina: ou seja, a estabilidade viria para todo o mercado.

Para Duarte, o aumento de preços, no setor da pecuária de corte, tem duas razões básicas: a falta de estímulo ao pequeno e médio produtor, que faz com que hoje o rebanho nacional esteja estagnado em 130 milhões de cabeças, enquanto há dez anos o País tinha três bois para cada habitante; e a resistência dos pecuaristas em vender agora, tentando forçar uma alta dos preços:

— Mas a gente, que está na ponta do consumo, sabe que, devido às questões salariais, a demanda é muito pequena e que não há como subir preços — afirma o empresário, acrescentando que os frigoríficos, que normalmente trabalham sem estoque, levam hoje de três a quatro dias para conseguir escoar mercado-ria.